

**A REUTILIZAÇÃO DE DADOS EM PESQUISA QUALITATIVA: dados antigos geram novos insights sobre a economia criativa em contexto extremo**

**VANESSA ALVES PINHAL**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)

**DANIEL VICTOR DE SOUSA FERREIRA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)

**VALDIR MACHADO VALADÃO JÚNIOR**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)

**CINTIA RODRIGUES DE OLIVEIRA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)

Agradecimento à órgão de fomento:

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

# **A REUTILIZAÇÃO DE DADOS EM PESQUISA QUALITATIVA: dados antigos geram novos *insights* sobre a economia criativa em contexto extremo.**

## **1. INTRODUÇÃO**

Neste artigo, buscamos defender que a reutilização de dados qualitativos de pesquisas empíricas pode ser produtiva, pois oportuniza o alcance de novos resultados ao desafiar os pressupostos subjacentes à literatura existente. Para tanto, utilizamos os dados de uma pesquisa empírica, originalmente destinada a estudar o mercado da música na cidade de Uberlândia, para compreender uma nova questão: o contexto extremo. Desse modo, a partir de um exemplo prático, mostramos que o potencial do reuso está na compreensão de questões ignoradas, quando na coleta dos dados.

Na realização dessa investigação com músicos da cidade de Uberlândia, fomos todos surpreendidos pela pandemia da Covid-19, tanto nós pesquisadores, quanto os sujeitos pesquisados. Assim, quando coletamos os dados dessa pesquisa, surgiu muito material sobre o contexto extremo, no entanto, estávamos limitados pelo percurso metodológico assumido até então. As medidas de isolamento social no combate à pandemia, impostas pelas autoridades de saúde, trouxeram à prática dos mesmos uma nova realidade de ameaças, instabilidades e desafios.

Ao assumirmos o reuso dos dados (Corti et al., 2004), observamos que essa maneira de se pensar a análise qualitativa de trabalhos empíricos já finalizados possibilitou o surgimento de um novo desenho de pesquisa para compreensão de novas questões. Desse modo, os resultados contribuíram para definições mais úteis e precisas, ligadas às ameaças, instabilidade e desafios do trabalho de músicos em contexto extremo.

Embora entrevistados inicialmente para outros propósitos, os músicos pesquisados mostravam um especial interesse em expor suas interpretações sobre o contexto que estavam vivendo e o conseqüente regime de isolamento social que assolava todos os setores econômicos e sociais, em especial, ao do entretenimento. Revisitamos os dados para uma nova análise, em busca do alcance de um novo escopo de pesquisa, levantando-se então um novo objetivo: analisar o impacto da pandemia no trabalho de profissionais do setor cultural em Uberlândia, na perspectiva dos profissionais da música. Afinal, não apenas a atividade musical, mas, também, a própria atividade de pesquisa tinha sido impactada pelo novo coronavírus, exigindo dos pesquisadores criatividade no uso de novas técnicas de coleta que considerassem o isolamento social.

Este artigo está estruturado da seguinte forma: depois desta introdução, apresentaremos algumas considerações sobre como seria possível alcançar novos resultados a partir de dados antigo, valorizando as recomendações de Corti et al. (2004) para o reuso dos dados. Na seção seguinte, apresentaremos a literatura sobre contextos extremos, relacionada especialmente ao trabalho dos músicos. Em seguida apresentamos os resultados que obtivemos quando fizemos o reuso de dados antigos. O artigo se encerra com as considerações finais.

## **2. O ALCANCE DE NOVOS RESULTADOS A PARTIR DE DADOS ANTIGOS**

Para a defesa de nossos argumentos, limitamos aos dados coletados dentro de uma abordagem qualitativa (Denzin & Lincoln, 2005), seguindo as recomendações de Corti et al. (2004) quanto ao reuso do *corpus*. Segundo esses autores, a reutilização de dados qualitativos oferece uma oportunidade de estudar as matérias-primas de pesquisas passadas com o objetivo de obter novos insights para fins metodológicos e substantivos. As maneiras pelas quais os

dados qualitativos podem ser reutilizados têm muito em comum com aquelas aplicáveis à análise secundária de dados de pesquisa (Fink, 2004).

No caso em tela, embora o objetivo da pesquisa original tenha sido o de analisar a economia criativa, a revisita ao *corpus* nos levou a perseguir outro objetivo: analisar o impacto da pandemia no trabalho de músicos de Uberlândia. O número de entrevistados não foi previamente estabelecido; seguindo as recomendações de Thiry-Cherques (2009) quanto à saturação dos dados, considerou-se, na pesquisa inicial, a quantidade de treze entrevistas, as quais aconteceram numa média de 70 minutos cada, totalizando 15 horas, aproximadamente. Por isso, como limitação, apontamos que a saturação se deu frente ao objetivo original apenas.

Para o reuso dos dados, foram consideradas 11 entrevistas, totalizando 12 horas de gravação que resultaram em 137 laudas. Foram excluídas as entrevistas realizadas por não músicos, ou seja, as pessoas que trabalhavam com assessoria e gestão de carreira musical. Os entrevistados, duas mulheres e nove homens, foram selecionados segundo sua profissão e experiência de trabalho, ou seja, músicos de eventos ou professores de música, observando o princípio da homogeneidade fundamental, visto que a pesquisa tinha um foco específico: o trabalho do músico no setor cultural. Para chegar aos entrevistados, os pesquisadores recorreram a indicações fornecidas por profissionais do setor de eventos da cidade de Uberlândia.

De posse das indicações, os pesquisadores fizeram as primeiras trocas de mensagens instantâneas (WhatsApp), quando explicaram os procedimentos para as entrevistas, as quais seriam gravadas, transcritas e analisadas. Antes da entrevista, todos os aspectos contidos no termo de consentimento livre e esclarecido foram informados, garantindo aos entrevistados o sigilo. Cada participante foi entrevistado, individualmente, por meio de três técnicas distintas e complementares, conforme Flick (2002), que sugere uma combinação entre a entrevista episódica e a entrevista narrativa. De modo complementar, foi aplicada a técnica projetiva (Campos et al., 2020), sendo solicitado aos entrevistados que fizessem um desenho sobre a sua expectativa quanto ao setor de música na cidade de Uberlândia. O desenho foi feito de forma espontânea e nenhuma instrução específica foi dada aos participantes.

Na condução da entrevista, os entrevistadores sentiam-se na obrigação de, antes de tudo, lamentar o momento difícil que todos estavam passando e acabavam por dedicar os primeiros minutos da entrevista para uma conversa livre (até porque os primeiros contatos tinham sido apenas por mensagens de texto, geralmente pelo WhatsApp). Nesse momento, havia a apresentação mútua dos envolvidos e a troca de informações gerais sobre a pandemia. Por não se conhecerem, era importante estabelecer a confiança no primeiro contato ao vivo. Finalizada a entrevista, encerrava-se a gravação e a conversa continuava, quando eram feitos comentários gerais. Nesse momento, os entrevistados falavam livremente sobre os assuntos já abordados na entrevista e adicionavam outras observações. Suas interpretações eram apresentadas meio a falas carregadas de subjetividades, o que não foi ignorado pelos entrevistadores neste artigo.

Os pesquisadores não esperavam que o tópico guia das entrevistas, construído inicialmente para auxiliar na compreensão sobre a economia criativa na cidade, pudesse ser tão modificado à medida que as entrevistas se desenrolavam. A dinâmica das entrevistas também foi realizada de maneira inesperada. A conversa com os entrevistados foi conduzida, em primeiro momento, pelo aplicativo de mensagens instantâneas WhatsApp e, depois de acertada uma data e hora, as entrevistas aconteceram por meio das plataformas de reuniões remotas (Google Meet e Zoom). A dinâmica das entrevistas contribuiu para que, não só o primeiro objetivo da pesquisa fosse cumprido, mas, também, que as possibilidades do reuso do corpus fossem consideradas em um segundo momento.

Dentre os onze entrevistados, sete realizaram a atividade de desenho como sugerido pela técnica projetiva (Campos et al., 2020). Os entrevistados que não se sentiram à vontade para realizá-la, expuseram suas expectativas verbalmente. À relação dos músicos entrevistados

atribuiu-se nomes fictícios, para preservar o anonimato. São eles: Elza Soares (musicista que atua com projetos culturais); Gilberto Gil (músico e proprietário de uma loja instrumentos musicais); Chico Buarque, Guilherme Arantes, Roberto Carlos, Milton Nascimento e Tim Maia (músicos de eventos); Heitor Villa-Lobos e Caetano Veloso (músico de eventos e professor de piano); e, Raul Seixas e Elis Regina (professores de piano).

Para a análise e reanálise do *corpus*, utilizou-se a análise temática, com o apoio do software Atlas.ti. A análise temática foi conduzida seguindo as orientações de Braun e Clarke (2006), levando em conta dois aspectos fundamentais para a pesquisa qualitativa: a flexibilidade e a não linearidade do processo de análise, o que demanda movimentos de vaivém entre as fases. Na primeira etapa, que é a familiarização com o material empírico, realizamos leituras repetidas das entrevistas e dos desenhos buscando significados e padrões, quando elaboramos uma lista das ideias geradas nessa fase, por exemplo, a tecnologia como mediadora de um trabalho que se fazia em contato com o público; em seguida, geramos os códigos iniciais, com base na teorização sobre o contexto extremo combinada com os dados, abordando-os a partir de questões específicas, como, por exemplo: tem potencial de gerar consequências físicas, psicológicas ou materiais pela proximidade física ou psicossocial?

Nas etapas seguintes, buscamos os temas abrangentes, com o auxílio de um diagrama elaborado para facilitar a visualização das relações entre os temas; revisitamos os temas verificando que formavam um padrão coerente e passamos à definição e denominação de três temas, descrevendo o escopo e o conteúdo de cada um deles, os quais serão apresentados na seção a seguir: o desafio da mudança; a escassez de recursos e de suporte; as perdas insuportáveis.

Na próxima seção, apresentamos a literatura sobre contextos extremos, relacionada especialmente ao trabalho dos músicos, seguida pelos resultados do reuso e as considerações finais.

### **3. O TRABALHO DOS MÚSICOS E O CONTEXTO EXTREMO**

Mesmo antes da pandemia do Covid-19, o mercado da música já impunha aos profissionais do setor um contexto de exigências singulares, como, por exemplo, o processo de intensificação do uso da internet, que alterou significativamente o mercado fonográfico. Antigos *players* – principais empresas do ramo – buscam se adaptar e passam a lidar com uma realidade na qual os caminhos se tornam passíveis de sucesso, enquanto outros enfrentam mais dificuldades para se adequarem às novas tecnologias. Tais considerações colocam o desenvolvimento do comércio digital e o imbricamento das esferas de produção e distribuição independente como importantes marcos de ruptura no contexto artístico-musical das últimas décadas (Wainer, 2017).

Com o advento da pandemia do coronavírus, o setor artístico-cultural foi severamente impactado, devido à necessidade de cancelamento e/ou adiamento de suas atividades. Afinal, o trabalho do artista envolveria o contato direto com o público, sendo caracterizado justamente pela aglomeração, o que fez com que esses profissionais passassem a enfrentar desafios ainda maiores (Holanda et al., 2020).

Para Santos e Sant’anna (2021), a pandemia de Covid-19 é considerada mais uma camada de desestruturação da cultura no Brasil. Devido à redução do público pagante em museus, shows e eventos de maneira geral, a fragilidade de uma cadeia econômica que depende de interação social é escancarada. Nesse sentido, um processo de migração para ambientes virtuais se torna inviável para alguns ramos, que se veem excluídos no atual contexto (Santos & Sant’Anna, 2021). Contexto esse que é considerado, por Canedo et al (2021), uma ameaça à economia cultural e criativa não apenas em sua forma de subsistir, mas de existir. O convívio e a

coletividade são centrais para parte considerável de serviços culturais. Por isso, os programas artísticos foram os primeiros a terem suas atividades econômicas suspensas.

Apesar da tentativa de se manterem ativos através da criação e oferta de produtos adaptados aos meios digitais, da realização de cursos e da redução de despesas, profissionais e organizações sinalizaram sua preocupação em relação à continuidade de suas atividades. O setor se engajou na busca de orientações e protocolos para a reabertura, obtendo pouco retorno do poder público, e apostou em alternativas, como editais emergenciais e outras formas de fomento (Canedo et al., 2021), além da ampliação de campanhas de financiamento coletivo ou mantendo a sobrevivência através da renda obtida nas bilheterias dos eventos (Calabre, 2020).

Ao realizarem uma pesquisa com o intuito de investigar a situação do vínculo dos indivíduos com o material musical veiculado pela indústria cultural com músicos e não músicos, Maia e Antunes (2008) enfatizam que, pela oferta ininterrupta e abrangente de produtos padronizados, a indústria cultural produz novas necessidades e padroniza a sensibilidade dos espectadores. A música produzida e disseminada na indústria cultural reproduz representações repetitivas, relacionadas a formas típicas de reação. Entre essas reações, os autores citam o ressentimento, que está entrelaçado a uma concepção intolerante de normalidade, surgindo sob a forma de ironias e alusões. Em relação aos músicos, os autores apontaram certo nível de informação, apesar de suas opiniões se aproximarem mais da repetição de conceitos prontos do que da expressão de uma experiência musical. Já entre os não-músicos, o que foi percebido é a expressão de uma falsa coletivização, uma aparente democratização do acesso à música, quando, de fato, os sujeitos não foram preparados para isso com uma educação adequada.

No contexto da atuação profissional, com o estilo musical *haevy metal*, Braga, Medeiros e Paula (2018) exploraram as interpretações dos músicos sobre as expectativas em relação a seus trabalhos. Os resultados evidenciam que esses profissionais são movidos a se aventurar na carreira pelo sentimento que possuem pelo estilo e por inspiração aos ídolos. Entretanto, o estudo também revela que o caminho desses músicos tem diversos percalços que, na maioria das vezes, exercem uma influência para o músico desistir de atuar na área. As dificuldades financeiras foram relatadas pelos participantes como um dos principais empecilhos para prosseguir na carreira musical. A pressão social e da família também foi percebida como um desafio constante devido a essa profissão ser vista como algo que desvia do desejável no que se refere a carreiras profissionais. Diversos músicos encontram como saída a execução de outros estilos, atendendo as demandas comerciais para complementar suas rendas; demandas essas que influenciam na mudança da sonoridade do estilo, algo conflitante entre os profissionais, pois alguns defendem e outros discordam, tanto pela execução profissional como pela adaptação da música ao mercado criativo.

Com relação à atuação dos músicos no decorrer da pandemia, Louro, Louro e Duarte (2020) ressaltam aspectos relacionados à adaptação que os educadores musicais tiveram que fazer para transformar suas aulas presenciais em aulas remotas, a necessidade de investimento em equipamentos de captação de áudio e vídeo, além de desenvolvimento, em um espaço muito curto de tempo, de habilidades para edição de vídeos/áudios, postagens e engajamento nas redes sociais. Somado a isso, com a flexibilização do isolamento social, em meados do segundo semestre de 2020, os músicos precisaram atentar-se ainda para as particularidades do exercício da música (orquestras, corais, aulas, etc.), no que tange aos cuidados com a saúde e prevenção de contágio do vírus. Esses profissionais voltaram a trabalhar em meio ao perigo de contágio, atuando em uma realidade altamente estressante, devido à exposição, vulnerabilidade e consequente instabilidade emocional.

Afonso (2021) também relatou reflexos causados por esse contexto de incertezas. Um dos fatores destacados pelo autor foi a dificuldade financeira vivenciada por profissionais dessa área, principalmente aqueles que atuam como autônomos. Com a impossibilidade de realização de eventos presenciais, os profissionais buscaram alternativas para obter fonte de renda em

outras atividades não relacionadas à música, como, por exemplo: motorista de aplicativo, serviços elétricos, comércio, aulas, auxílio emergencial do Governo Federal. A pesquisa ainda apontou uma alta incidência de casos de COVID na categoria dos músicos em Manaus e as mortes e/ou o agravamento da doença abalaram emocionalmente os membros da profissão.

Já Sandroni (2021) analisou a perda de renda de um conjunto de 476 musicistas de diferentes regiões do Brasil. As análises mostraram que, independentemente da região, a renda obtida com o trabalho no campo da música foi bastante reduzida para o conjunto de participantes da pesquisa. Os resultados também apontaram que a dimensão racial tem um efeito importante na perda de renda por parte dos musicistas, assim como a dimensão educacional (objetivado pelo grau de escolaridade dos músicos), a idade e as condições de trabalho (tipo de vínculo) anterior ao processo de isolamento social. São os indivíduos autodeclarados negros (pardos e pretos) que mais perderam renda do trabalho com a música. Para o autor, os homens e os mais jovens também foram os mais afetados quando comparados com as mulheres e com a população mais velha. Os indivíduos com maior grau de instrução apresentaram maiores as chances de obter um vínculo formal no mundo do trabalho e, conseqüentemente, menores chances de perder sua renda.

Diante disso, entende-se que a situação vivenciada por profissionais da música que optam por continuar trabalhando em locais públicos, mesmo com os riscos envolvidos, pode ser caracterizada como atuação em contexto extremo.

Ao definir contextos extremos, Hannah et al. (2009) sugerem que a presença ou ameaça de um ou mais eventos extremos é uma condição necessária, mas não suficiente para constituir um contexto extremo. Os autores sustentam que o(s) evento(s) extremos se caracterizam: (1) pelo potencial de gerar conseqüências físicas, psicológicas ou materiais que ocorrem na proximidade física ou psicossocial pelos membros parte de determinada organização; (2) pelas conseqüências consideradas insuportáveis por esses membros; e (3) por exceder a capacidade da organização de evitar que esses eventos extremos ocorram de fato. As três características se apresentam presentes no período de pandemia causado pela Covid 19.

O evento extremo é definido como um episódio ou ocorrência discreta que pode resultar em uma magnitude extensa e intolerável de conseqüências físicas, psicológicas ou materiais para - ou na proximidade física ou psicossocial de - membros da organização. O contexto extremo é conceituado como um ambiente em que um ou mais eventos extremos estão ocorrendo ou são prováveis de ocorrer e que podem exceder a capacidade da organização de prevenir, resultando em uma magnitude extensa e intolerável de conseqüências de natureza física, psicológica ou material para os membros da organização (Hannah et al., 2009).

Em uma perspectiva mais específica, Bloomfield e Dale (2015) citam como alguns trabalhos estão se tornando mais "extremos" de várias maneiras, por exemplo, empregos que envolvem uma quantidade intensiva de tempo de trabalho. Nesse caso, não é a tarefa ou o ambiente que seriam extremos, mas, sim, o tempo de execução, a performance, o que pode ter conseqüências para os funcionários. A intensificação do trabalho tem sido discutida como uma característica dos locais de trabalho ocidentais contemporâneos (Green, 2001; Patterson, 2001), sendo vista como uma conseqüência de pressões de nível macro da economia, concorrência, mudanças de tecnologias, mas também de mudanças nas práticas organizacionais, como flexibilidade funcional e formas contratuais. Ademais, é destacado que a intensificação pode estar relacionada às mudanças nas práticas de recursos humanos, produzidas diretamente por técnicas projetadas para estimular o esforço, por exemplo, a remuneração por desempenho (Bloomfield & Dale, 2015).

Os trabalhos considerados altamente racionalizados e rigidamente controlados também podem se tornar extremos em determinadas circunstâncias, como é abordado por Bozkurt (2015) ao analisar uma *delicatessen* de um supermercado. O autor cita que a maioria dos elementos que definem trabalhos extremos tem a ver com o escopo do trabalho envolvido. O

escopo dos trabalhos do chão de fábrica do supermercado é altamente delimitado em termos de tempo, habilidades e autonomia. Na temporada de varejo de Natal, as demandas em todas essas dimensões aumentam no balcão da *delicatessen*. As exigências formais de trabalho intensificam-se tanto em termos das tarefas a serem realizadas quanto do tempo durante o qual deveriam ser realizadas. Isso poderia ser descrito, portanto, como uma expansão do escopo do contrato de trabalho formal, compreendendo mudanças nos elementos entrelaçados de maior tempo de trabalho, maior variedade de tarefas e habilidades e níveis mais elevados de liberdade em termos relativos. Assim, há aumento na quantidade de horas de trabalho, aumento de uma demanda multitarefas e conhecimento sobre produtos, expansão discreta da liberdade e flexibilidade devido ao redirecionamento do trabalho dos gestores para outros fatores.

Ressalta-se que as formas como musicistas se mantêm ativos no mercado de trabalho, adaptando-se a situações novas e diversas - principalmente por conta do impacto da tecnologia como o principal meio de produção, há tempos já é uma condição imposta aos profissionais da classe artística-cultural. Entende-se que a pandemia não somente acelerou processos que já vinham ocorrendo - de precarização das relações de trabalho e do incremento da tecnologia na gestão e nos modelos de negócios, por exemplo - como expôs a vulnerabilidade à qual trabalhadores e trabalhadoras da música vêm sendo submetidos nesse contexto.

Assim, a partir daquilo que trata os autores selecionados é possível pensar que a atividade profissional de músico vem de algumas décadas para cá sendo precarizada e se adequando a nova ordem da indústria cultural e os imperativos da tecnologia. Da condição de protagonista do espetáculo ele passou, paulatinamente, à situação de, também, empreendedor, produtor, controlador, ou seja, “senhor” de seu próprio destino. Essa situação se intensifica com a chegada da Covid 19, afinal, ela impede qualquer tipo de aglomeração pública, condição para a profissão de músico, assim, as bases para o exercício da profissão necessitam ser revistas para o novo ambiente de ameaças, instabilidade e desafios.

#### **4. EM BUSCA DE NOVOS RESULTADOS: O REUSO DOS DADOS QUALITATIVOS**

Tínhamos preparado para o campo, munidos de considerações teóricas e de um escopo de pesquisa definido para a investigação sobre a economia criativa na cidade; entretanto, o contexto extremo imposto ao setor da música impactava os entrevistados e os entrevistadores. Algumas entrevistas foram desmarcadas pelo luto, meio a noticiários de mortes e medo. O trabalho do músico encontrava-se em condições incertas e adversas, configurando-se em um contexto extremo. A sobrevivência de sua atividade profissional estava ameaçada pelo regime de isolamento social, assim como sua vida, de seus familiares e amigos.

Os novos resultados que apresentaremos nesta seção foi alcançado pela reutilização de dados de uma pesquisa realizada no período da pandemia da Covid 19. O redirecionamento deste novo estudo foi ancorado pelo conceito de “contexto extremo” e seu objetivo passou a ser: analisar o impacto da pandemia no trabalho de músicos de Uberlândia. Para tanto, aplicou-se a Análise Temática no corpus de onze entrevistas com músicos locais, os resultados foram a emergência das seguintes categorias: a ameaça das perdas insuportáveis; a instabilidade a partir das mudanças; e os desafios gerados por falta de recursos e de suporte. Os participantes interpretavam as modificações em seu trabalho. Adicionalmente, a pesquisa identificou a emergência de uma rede de solidariedade entre os músicos, em meio ao contexto extremo.

O objetivo original era “analisar o setor criativo na cidade de Uberlândia na perspectiva dos profissionais da música”. No entanto, um tema era frequente quando dávamos voz aos entrevistados: Covid-19 na atividade musical. Não tínhamos previsto esse tema no tópico guia que orientou a pesquisa. Em virtude de tal emergência, revisitamos então os dados sob a orientação de um novo objetivo, “analisar o impacto da pandemia no trabalho de músicos de Uberlândia”, a mudança se ancora no conceito de “contexto extremo” e tem como base as sugestões teóricas-metodológicas de Corti et al. (2004) naquilo que ele chamou de reuso do *corpus*.

Com a pandemia, o setor cultural começou a experimentar uma crise que, a cada dia, era ainda mais agravada (Calabre, 2020; Canedo, Andrade & Freitas, 2021). As pesquisas acadêmicas também foram impactadas, especialmente aquelas que, empiricamente, propunham estudar o setor. Surpreendidos pelas medidas de isolamento social, os autores foram desafiados, inicialmente, a adaptar a coleta de dados para a modalidade remota. No entanto, durante as entrevistas, os impactos da pandemia para o setor ficavam em evidência, tornando-se um dos principais temas abordados pelos músicos entrevistados, indo além dos objetivos propostos inicialmente. Emergiam-se reflexões quanto à atividade musical realizada em meio a pandemia, sendo posteriormente revisitado.

Dentre os profissionais do setor cultural, os mais vulneráveis são aqueles que não possuem vínculos formais de trabalho (Góes et al., 2020). No caso dos músicos, além dos eventos presenciais (única fonte de renda para parte do segmento), o trabalho realizado em estúdios de gravação para realização de produções audiovisuais, como trilhas sonoras para emissoras de TV, rádio e *streaming* também foram paralisados, causando prejuízos financeiros, sociais e emocionais decorrentes do cancelamento das agendas para o ano de 2020 (Martins, 2020; Sandroni et al., 2021). De acordo com a União Brasileira de Compositores (UBC), 86% dos profissionais da área foram afetados pela pandemia; em 12%, a renda continuou a mesma na pandemia; e 2% ganharam mais no período da pandemia. As carreiras mais prejudicadas pela pandemia no ramo da música foram: cantores, instrumentistas, compositores, produtores fonográficos, arranjadores e professores de música (Nexjor, 2020).

Estudos sobre a situação desses profissionais no contexto pandêmico já apontam que esse contexto tem relevado as fragilidades e as dificuldades de compreensão e reconhecimento político desses profissionais, os quais precisaram buscar estratégias de sobrevivência e outros modelos de sustentação para continuar atuando em suas áreas (Goes et al. 2020; Calabre, 2020; Canedo et al, 2021). Em Uberlândia, durante e após a pandemia da Covid-19, o município promoveu ações afirmativas para o desenvolvimento sociocultural. A Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (SMCT) lançou, durante o ano de 2020, editais de fomento e propostas de auxílio ao setor cultural (Uberlândia, 2021; Merlin, 2021; G1, 2020).

Analisar o impacto da pandemia para os profissionais da música, também foi útil para compreender o impacto de forma geral, para outras atividades profissionais. O contexto extremo, até então analisado apenas para algumas profissões específicas (Bozkurt, 2015) foi (re)interpretado pelos entrevistados por meio do medo, da raiva e da perda (financeiras e pessoais), ameaças, instabilidades e desafios. Indicando que as consequências do regime de isolamento social provocaram os profissionais para além da pandemia. Ou seja, as interpretações sobre as dificuldades vividas no âmbito profissional, inicialmente produzidas coletivamente, eram também transferidas para o âmbito individual, o que gerava decisões pessoais que impactavam e eram impactadas pelas decisões coletivas de todo o setor musical.

Um achado que merece destaque é a formação de uma rede de colaboração independente, com outros músicos se unindo para ajudar músicos que vinham passando por dificuldades financeiras por não conseguirem desempenhar suas atividades plenamente, indo ao encontro do que pôde ser verificado em Fortaleza (Holanda & Lima, 2020). A rede iniciou uma campanha de arrecadação de alimentos aos colegas em situação de maior de vulnerabilidade. O uso das redes sociais e de plataformas de financiamento coletivo (como a Vakinha, Catarse, etc.) foi

essencial na propagação dessa primeira “ação de resistência”, que teve como foco inicial o provimento básico e rápido de insumos para os indivíduos mais necessitados de seu movimento. Fortalecendo-se a rede, algumas outras ações foram implementadas, como a realização, também independente, de um festival virtual multilinguagem para financiar e manter a produção criativa e intelectual dos artistas atingidos (Holanda & Lima, 2020). A seguir detalhamos tais resultados.

#### 4.1 Perdas insuportáveis e ameaças constantes

Os anos de 2020, 2021 e 2022 representaram um cenário novo para toda a humanidade, a Covid-19 trouxe consigo um ambiente institucional de instabilidade e aqueles trabalhadores que necessitavam de ter uma relação direta com o seu público se sentiam em constante ameaça. Nessa categoria temática, estão as falas relativas às consequências consideradas insuportáveis pelos músicos. Embora já estivessem preparados, de alguma forma, para configurações contextuais desafiadoras, a pandemia trouxe um aspecto novo, levando-os a lidarem, principalmente, com situações de medo, raiva e perda.

A análise aponta para a caracterização do trabalho extremo a partir do contexto extremo, marcado pelas perdas insuportáveis, sejam de natureza física, social ou psicológica. A situação de ameaça instalada pelas restrições advindas com a pandemia da Covid-19 fez com que o sentimento de medo fosse despertado na maioria dos entrevistados. O potencial para gerar consequências físicas, psicológicas ou materiais se destaca, além de consequências irreparáveis, como a perda de colegas e familiares.

O medo esteve relacionado ao alto grau de incerteza do momento, como pode ser observado nas seguintes falas: “pegou de surpresa, é isso [...] tem muita gente que não tinha um planejamento financeiro para uma crise desse tamanho, e esta é em uma situação muito difícil” (Tim Maia). E “muita gente vai ter que migrar de profissão para sobreviver e alguns que não conseguem mudar estão sofrendo [...] estão todos apavorados” (Tim Maia). Foi observado também a seguinte fala: “agora na pandemia, tá um caos. Por que? Muitos músicos não tem um conservatório pra dar aula, muitos músicos não tem uma banda pra tocar [gerando incertezas]” (Caetano Veloso). Nessa perspectiva, os músicos que teriam trabalhos formais, como no conservatório ou escolas municipais, citados pelo entrevistado, conseguiriam manter certa estabilidade por mais tempo.

Outro sentimento que se sobressaiu foi o da raiva. Em uma das entrevistas, a participante Elza Soares, antes de apresentar a sua interpretação, pergunta: “Posso usar palavrão? Posso xingar aqui?”. Segundo essa entrevistada, a classe artística de forma geral está “cagada no maiô”, referindo-se ao contexto que a pandemia impôs aos profissionais que ficaram completamente sem reação e à deriva em meio ao caos instalado em nível econômico, político, sanitário. Ademais, ressaltam-se também os sentimentos de abandono pelas instituições públicas de amparo, ligadas às políticas públicas de cultura. Por fim, a entrevistada Elza Soares cita uma frase que, segundo ela, seria atribuída à Neruda: “a vontade é sair matando todo mundo, ai...mas eu mataria mesmo, mas a paz...é que é a culpada, a paz é a que não deixa”.

Já com relação ao sentimento de perda, os entrevistados buscaram elaborar as dores causadas por perdas tanto financeiras, quanto pessoais. “A gente tá perdido”, afirma Tim Maia ao dizer que a sobrevivência profissional dos músicos está sob risco devido ao fato de “estar tudo fechado”, referindo-se às medidas restritivas de isolamento social, no combate à pandemia. Outro entrevistado, Milton Nascimento, disse: “a cultura sentiu bastante porque depende muito da aglomeração[...] perdemos muito, infelizmente”.

A arte “depende muito da troca [...] para o artista não tem graça sem o calor do público” (Milton Nascimento). Todas essas falas que indicam incerteza, raiva e perda foram acompanhadas de relatos sobre casas de show que fecharam, profissionais que faleceram em

decorrência das complicações do Covid, “a perda que o setor teve está enorme”. A atividade artística e cultural não depende apenas de máquinas, mas, sobretudo de pessoas, que, à propósito, são insubstituíveis e foram **ameaçadas** todo o tempo por impossibilidade de troca com o público, por estarem à deriva em meio ao caos político, econômico e sanitário, perdas insuportáveis. Os estragos que o setor sofreu são sempre analisadas com muito pesar pelos músicos, com previsões de recuperação sempre a longo prazo. A categoria reúne elementos que notadamente indicam contexto extremo conforme definição de Hannah et al. (2009).

#### **4.2 A escassez de recursos e de suporte: instabilidade**

Nesta categoria temática estão agrupadas as interpretações que remetem à incapacidade de os músicos evitarem que as consequências desses eventos extremos ocorram de fato. O setor cultural é diverso e complexo, no qual coexistem extensas cadeias produtivas no processo de elaboração de produtos culturais. Além disso, há uma série de produtos culturais de elaboração solitária, assim como aqueles que somente podem acontecer na produção coletiva (Calabre, 2020; Canedo; Andrade; Freitas, 2021). Soma-se, a isso, o contexto de instabilidade e o decréscimo de investimento das políticas públicas para a cultura no Brasil (Canedo; Andrade; Freitas, 2021).

Esses fatos vão ao encontro de algumas falas dos participantes, no sentido de que é antecedente à pandemia a configuração do mercado. Segundo a interpretação de alguns entrevistados, “o mercado é injusto [...] acho muito difícil alguém falar que sobrevive só de música” (Chico Buarque). Já o entrevistado Tim Maia oferece uma interpretação que relaciona o sucesso à capacidade de oratória, de comunicação e “de convencimento”. Ele segue dizendo que “todo mundo [os músicos] tem que ter empresário, senão não consegue [...] o músico fica restrito à música e o empresário faz a carreira dele”.

Diante desse contexto de suspensão das atividades artísticas, parte do setor cultural começou a se mobilizar em busca da garantia do apoio do Estado, nos diversos níveis de governo. As primeiras ações adotadas dizem respeito as medidas administrativas, como prorrogação dos prazos de prestação de conta e de execução dos projetos culturais financiados. Devido à migração dos eventos culturais para o ambiente digital, surgiram editais emergenciais para promoção de festivais online ou fomento direto a artistas e produtores para a criação de apresentações na internet e redes sociais (Canedo; Andrade; Freitas, 2021). Para os entrevistados, o acesso às instituições e aos recursos disponibilizados pelo Governo não é fácil. A maioria dos músicos enfrenta dificuldades na construção de um projeto formal, pois “há toda uma burocracia cuja necessidade de formação não é atendida pela maioria dos músicos. Precisa formar a galera pra conseguirem fazer isso e para ter mais acesso” (Tim Maia), e, conseqüentemente, aumentar o orçamento da cultura municipal.

A Lei Aldir Blanc também foi mencionada pelos participantes e ficará marcada como uma movimentação política de reação aos impactos da pandemia causados ao setor cultural. No limite, trata-se de uma lei emergencial que, em grande parte dos estados da federação, não teve seus recursos empenhados a partir de instrumentos que dialogassem com o contexto excepcional de urgência das respostas e com a diversidade de caminhos possíveis. (Canedo; Andrade; Freitas, 2021).

Alguns entrevistados trabalhavam em projetos sociais e assistenciais, mas, no contexto atual, seriam eles que os que precisariam de ajuda. Foi possível perceber relatos que forneceram exemplos de cestas básicas para garçons, ajuda financeira para músicos, associação de profissionais para ajuda mútua, além das próprias ações governamentais de auxílio financeiro, consideradas insuficientes e paliativas. Isso pode ser percebido na dala de Tim Maia.

Que o pessoal olhasse mais para o pessoal da música, que tem uma suma importância na cultura né, eu acho que qualquer lugar, sem cultura [...] não é nada [...] eu acho que nossos governantes tinham que olhar mais para o ramo, que tá passando a maior dificuldade de todos os anos [...] o pessoal precisa de ajuda, tem muita gente passando apuro, fechando (Tim Maia, 2021).

Dentre as falas que descaram os desafios enfrentados pelos músicos, a participante Elis Regina complementa sobre a escassez de recursos financeiros para essa classe, que vai além do contexto pandêmico, ou seja, a área já carecia de investimento antes da crise instalada devido a pandemia. O investimento público feito na música (e no setor cultural de modo geral) seria insuficiente, por isso, ela relaciona a concretização de projetos da área principalmente da música erudita com o patrocínio de empresas da cidade.

A qualidade da música depende de quem está no poder [...] o pessoal da direita tem muito apoio dos empresários da cidade, e sem esse apoio as coisas não funcionam. Somos dependentes disso. O governo de esquerda encara a música como projeto social, leva aos pobres, mas não valoriza a música erudita nem bons projetos (mais caros) porque não tem recursos [...] A verba para cultura na prefeitura é de fato muito pequena (Elis Regina, professora de piano, 2021).

As interpretações de Elis Regina vão ao encontro que foi abordado por Raul Seixas, que cita: “os projetos sociais que fomentam a música nas periferias. Escolas e Igrejas também reúnem público.”. Ele comenta que, como professor, já participou de projetos onde precisou pagar transporte com recursos próprios para que as crianças pudessem ir até o local e participar das atividades, reforçando a percepção da escassez de recursos que permitam a realização das atividades musicais em sua forma plena.

O contexto da pandemia revelou as fragilidades e as dificuldades de compreensão e reconhecimento político do setor sobre a área cultural de maneira geral, **portanto instabilidades**. O isolamento social e a perda de renda de parte da população foram enfrentados no setor por meio do uso de plataformas digitais sociais, com iniciativas criativas individuais ou coletivas, reforçando a sua importância para a vida em sociedade (Góes et al., 2020). Assim, o músico, considerado muito ativo em projetos sociais, agora necessita do amparo dessas instituições de auxílio. Tais situações geravam instabilidade e incapacidade, elementos presentes na ideia de contexto extremo Hannah et al. (2009).

### 4.3 O desafio dos aparatos tecnológicos: reinvente-se ou deixe-nos

Nessa categoria estão agrupadas as interpretações dos músicos que remetem ao potencial de sua atividade gerar consequências físicas, psicológicas ou materiais que poderiam ocorrer na proximidade física com o público. Os relatos dos entrevistados enfatizam dois aspectos relacionados ao uso dos aparatos tecnológicos: aqueles que se adaptaram às novas condições de trabalho, transformando o ambiente doméstico em uma espécie de estúdio; e aqueles que não viram condições de utilizar as tecnologias para continuarem desenvolvendo suas atividades de forma satisfatória.

Alguns músicos que trabalhavam no conservatório relataram não terem se adaptado ao modelo online de ensino, abandonando essa atividade: “A pandemia trouxe inovação para se comunicar, mais tecnologias. O músico já tinha que ter e agora muito mais. Isso é essencial para fazer um bom trabalho, ou perderá oportunidades” (Gilberto Gil, Músico e Proprietário de Loja Instrumentos). As tecnologias digitais se intensificaram no momento de pandemia, mas já

estavam presentes anteriormente, o que já exigia dos músicos uma capacidade especial de adaptação pelo contexto em que já encontravam suas próprias atividades profissionais e mercadológicas, indo ao encontro do que foi abordado no estudo de Wainer (2017).

A remuneração por meio das plataformas digitais, pelos números de visualizações e pela quantidade de público que atinge já acontecia antes da pandemia: “[alguns cantores] fazem show barato pra ganhar visibilidade, a visibilidade já era o foco mesmo antes da pandemia [...] agora se intensificou” (Heitor, músico de eventos e professor de piano). Já era uma realidade para o setor o fato de o músico se sentir na obrigação de usar a internet com intensidade, inclusive, se expondo nas redes sociais, com o intuito de divulgação e engajamento do público. As interpretações dos entrevistados Gilberto Gil e Milton Nascimento apontam para essa (nova) realidade que se impôs a esses profissionais, quanto à enfatizada essência da atividade artística, que requer troca, interação e contato direto com o público, conforme figura 1.

Figura 1. Representações sobre o contexto musical



Fonte: desenhos produzidos pelos entrevistados durante a pesquisa

O primeiro desenho da figura 1 mostra um músico trabalhando de forma isolada e cercado de aparatos tecnológicos, vistos como essenciais para a realização de seu trabalho. Para esse entrevistado, Gilberto Gil, a pandemia fez com que houvesse mais inovação por parte dos músicos, visando uma comunicação mais efetiva. Ademais, ele cita que “o músico já tinha que ter [conhecimento tecnológico] e agora muito mais”. Já o segundo desenho mostra uma percepção em oposição à primeira, pois para esse entrevistado, a alegria do músico está na troca com as pessoas, como pode ser observado em uma de suas falas: “a cultura sentiu bastante porque depende muito da aglomeração. A arte depende muito da troca. Para o artista não tem graça. (Milton Nascimento)”.

Antes do surgimento e da popularização da internet e das ferramentas digitais, o foco estava nas rádios e nos programas da televisão aberta. O participante Roberto Carlos destaca a incorporação da tecnologia na área, enfatizando todo o processo ao longo do tempo.

Vou falar da linha do tempo, cara: quando eu comecei, era assim: grava um CD, faz algumas faixas, faz cópias do CD, sem vender o CD (porque está escrito ‘venda proibida’ porque não tinha vínculo com gravadora essas coisas), divulga espalhando na cidade, jogava o cd no YouTube, usava sites pessoais para o pessoal baixar as músicas, camisetas, brindes, ia na rádio para o pessoal tocar seu CD [...] de uns tempos pra cá, o YouTube ganhou muita força. O CD só de áudio foi perdendo força, aí veio o DVD, o pessoal queria mais do que só escutar, queriam ver. Depois veio o bluetooth, pendrive, porque nem os sons tinham CD mais. Aí começou muito o digital, o Deezer, Spotify YouTube. Hoje, o cara lança o material mais nas plataformas digitais do que propriamente físico. (Roberto Carlos, músico de eventos, 2021)

O entrevistado Heitor reforça a importância da conexão com a internet, de ter equipamentos adequados e destaca também outros tipos de aplicativos para conseguir novos trabalhos e se integrar ao contexto imposto.

Tenho percebido que na pandemia, eu tava perdendo muito tempo como professor, por exemplo. Porque esses trabalhos que eu falei pra vocês que eu to fazendo, de gravação, das aulas e tal, foi tudo dentro da pandemia, eu tive que me reinventar. Em uma aula eu to na Austrália, na outra em Portugal, na outro nos EUA, percebeu? O que eu preciso? Uma boa conexão, um bom computador e saber falar uma outra língua. [...] Nessa parte de fazer gravação, por exemplo, existem aplicativos que é como se fosse um Uber, iFood dessa prestação de serviço, mas nesse caso voltado mais para a arte, não só necessariamente para música (Heitor, pianista, 2021).

A intensificação do trabalho é ainda mais presente no cotidiano desses profissionais, que além de exercer suas atividades rotineiras (dar aula, tocar ou cantar para o público, dentre outros), eles precisaram aprender ou melhorar seus conhecimentos sobre as plataformas digitais para conseguir manter as aulas, utilizar das mídias sociais para a divulgação de lives, e, ainda, adquirir os equipamentos para realizar tudo isso com qualidade.

O trabalho desses profissionais se intensificou consideravelmente devido às incertezas e mudanças tecnológicas abruptas, características discutidas por Green (2001) e Patterson (2001) e consequência de pressões de nível macro da economia, concorrência e de mudanças nas práticas organizacionais. Os músicos participantes da pesquisa se depararam com um contexto em que a pressão por adaptação e reinvenção foi (e ainda é) constante. Para alguns profissionais, não foi possível realizar essas adaptações de forma satisfatória, o que os levou a situações extremas de dificuldades financeiras.

As tecnologias e as inovações, típicas do setor cultural, especialmente ligadas à música, já compunham um contexto de **exigências e ameaças** para os profissionais, mesmo antes da pandemia do Covid-19. O que aconteceu então com o obrigatório regime de isolamento social no combate à pandemia foi uma intensificação dessas exigências. Os profissionais que já lidavam com as tecnologias e conseguiam caminhar pelas inovações do setor, sentiam mais facilidades com o novo contexto; entretanto, os profissionais que já se encontravam resistentes anteriormente, viam-se em um dilema difícil, que levou muitos a abandonarem suas atividades profissionais.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, defendemos que a reutilização de dados qualitativos de pesquisas empíricas oportuniza o alcance de novos resultados que desafiam os pressupostos subjacentes à literatura existente. Para tanto, mostramos que ao fazer o reuso de dados de uma investigação anterior, alcançamos resultados que, de fato, contribuíram para definições mais úteis e precisas, ligadas às ameaças, instabilidade e desafios do trabalho de músicos em contexto extremo.

No caso em tela, quando na coleta dos dados, fomos surpreendidos pela pandemia da Covid-19. Com o reuso, pudemos superar as limitações impostas pelo percurso metodológico que tínhamos assumido até então. Essa nova maneira de se pensar a análise qualitativa de trabalhos empíricos já finalizados possibilitou o surgimento de um novo desenho de pesquisa, sendo possível compreender novas questões.

Originalmente destinada a estudar o mercado da música na cidade de Uberlândia, reutilizamos os dados para compreender uma nova questão: o contexto extremo. Desse modo, analisamos o trabalho do músico em Uberlândia sob uma nova perspectiva: a pandemia de

COVID-19. O trabalho do músico passou a ser caracterizado pelo extremo, o que até então não fazia parte de sua atividade profissional.

Inicialmente, os resultados mostraram que, devido ao aumento do uso da tecnologia, alguns músicos não conseguiram (ou não quiseram) manter seus trabalhos, optando pela troca de atividades ou mesmo pela espera de uma melhoria na conjuntura atual quanto à possibilidade de realização de shows, por exemplo. Isso fez com que houvesse uma intensificação do trabalho e as dificuldades de adaptação ao formato online. Apresentaram-se também algumas interpretações sobre as iniciativas governamentais, como a Lei Aldir Blanc, para auxílio de artistas que ficam em situação de vulnerabilidade econômica pela impossibilidade de realizar suas atividades plenamente. Além disso, foi percebido a existência de ações independentes de outros músicos, que se mobilizaram e criaram condições de auxílio para colegas de profissão. As falas dos entrevistados mostram que o contexto extremo são (re)interpretados por meio de sentimentos direcionados à pandemia do Covid-19, como: medo, raiva e perda (financeiras e relacionamentos pessoais).

O contexto extremo é típico de muitas profissões (policiais, bombeiros, profissionais de saúde) (Hällgren et al., 2018) mas, não a do músico – pelo menos até o anúncio das medidas restritivas, importantes para o combate à pandemia. Esses profissionais foram então surpreendidos com uma nova e inevitável situação, para a qual não estavam prontos para enfrentar. Ao longo de suas carreiras não teriam sequer imaginado ter que lidar com o extremo, como foi lhes exigido em 2020, 2021 e 2022. Quaisquer que fossem o caminho escolhidos, teriam também que assumir prejuízos imensuráveis. A pandemia da Covid-19 colocou diversos profissionais nesse mesmo dilema.

Ligadas às ameaças, instabilidade e desafios do trabalho de músicos em contexto extremo, também foi possível considerar que os resultados apontam para definições mais úteis e precisas, quais sejam: buscar um maior aprofundamento nas contribuições analisadas relativas aos sentimentos dos sujeitos participantes da pesquisa ao liderem com as circunstâncias impostas pelo extremo, especialmente, o sentimento de luto no âmbito do trabalho. Além disso, o campo dos estudos organizacionais poderá se beneficiar com os resultados de pesquisas sobre redes de solidariedades em contextos extremos, no âmbito nacional, articulando aspectos culturais e simbólicos.

Este estudo apontou que situações inesperadas em pesquisas qualitativas podem ser frequentes, sendo o pesquisador e o pesquisado também moldado pelo ambiente pesquisado. Nesta nova pesquisa, redesenhada em resposta às mudanças sociais produzidas pela pandemia de Covid 19, os pesquisadores responderam ao ambiente que se impôs à pesquisa, colhendo as interpretações dos entrevistados acerca do contexto que estavam vivendo. Tanto na atividade de pesquisa, quanto na atividade profissional dos músicos, o contexto também pode caracterizar um trabalho extremo, para além daquelas profissões pontuadas pela literatura.

Dentre as contribuições da pesquisa, destaca-se a abordagem metodológica. O desenho de pesquisa pode ser semelhantemente utilizado em outras investigações empíricas. O uso da entrevista episódica de Flick (2002) dá sustentação para o uso da técnica projetiva presente no estudo de Campos et al. (2020). Esses três tipos de entrevistas em um mesmo momento possibilitou triangular as interpretações do entrevistado de maneira profunda e substancialmente útil no alcance do objetivo proposto.

O reuso do corpus mostrou-se como uma proposta de pesquisa promissora nas abordagens qualitativas, caracterizadas por vezes pela profundidade e a quantidade dos dados, que podem servir para o alcance de outros objetivos de pesquisa, especialmente na investigação de interpretações existente em um grande volume de dados. Este artigo aponta também para a possibilidade do uso de técnicas de pesquisa que considerem o isolamento social.

A pesquisa também contribuiu teoricamente, por estender a compreensão do contexto que caracteriza um trabalho extremo (extreme job), até mesmo em campos não tipificados como tal,

como o da música, que se viu envolvido por ameaças, incertezas e instabilidades diante da pandemia. A atividade profissional dos músicos, bem como outras, pode ser caracterizada pelo trabalho extremo a partir do contexto extremo.

## REFERÊNCIAS

- Afonso, L. M. (2021). Os reflexos da pandemia COVID-19 na profissão Músico em Manaus-Amazonas: decreto estadual, trabalho, saúde e emocional. *Revista Música*, 21(1), 37-54.
- Bloomfield, B., & Dale, K. (2015). Fit for work? Redefining ‘normal’ and ‘extreme’ through human enhancement technologies. *Organization*, 22(4), 552-569.
- Bozkurt, O. (2015). The punctuation of mundane jobs with extreme work: Christmas at the supermarket deli counter. *Organization*, 22(4), 476-492.
- Braga, G. A., de Medeiros, C. R.O. , & Paula, V. A. F. (2018). Nos bastidores do heavy metal: das ‘notas acidentadas e ritmo irregular’ ao prazer e magia do palco. *Revista de Carreiras e Pessoas*, 8(3).
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative research in psychology*, 3(2), 77-101.
- Calabre, L. (2020). A arte e a cultura em tempos de pandemia: os vários vírus que nos assolam. *Revista Extraprensa*, 13(2), 7-21.
- Canedo, D. P., Andrade, C. M. D. G., Freitas, E. P., Campos, L. G. S., & Carvalho, R. (2021). Políticas culturais emergenciais na pandemia da COVID-19? Demandas e estratégias de enfrentamento e as respostas dos poderes públicos.
- Corti, L., Thompson, P. & Fink, J. (2004) Preserving, Sharing and Re-Using Data. In: Qualitative Research, C. Cassell and G. Symon (eds.), Essential Guide to Qualitative Methods in Organizational Research, London: Sage Publications.
- Denzin, N. K. & Lincoln, Y. S. (2005) The discipline of qualitative research. In: Denzin, N. K.; Lincoln, Y. S. (Eds.). The Sage Handbook Of Qualitative Research. London: Sage Publications.
- Flick, U. (2009). *Qualidade na pesquisa qualitativa: coleção pesquisa qualitativa*. Bookman editora.
- G1. (2020) Movimento ‘Cultura luta’ distribui cestas básicas para artistas de Uberlândia prejudicados pela pandemia de coronavírus. Recuperado em 20 de jun de 2021 de <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2020/05/26/movimento-cultura-luta-distribui-cestas-basicas-para-artistas-de-uberlandia-prejudicados-pela-pandemia-de-coronavirus.ghtml>.
- Goes, G. S.; Athias, L.; Martins, F. D. S. & Silva, F. A. B. (2020) D O setor cultural na pandemia: o teletrabalho e a Lei Aldir Blanc. Carta Conjunt.(Inst.Pesqui.Econ.Apl.), p. 1-7.
- Green, F. (2001). It’s been a hard day’s night: the concentration and intensification of work in late twentieth-century Britain. *British journal of industrial relations*, 39(1), 53-80.
- Hällgren, M., Rouleau, L., & De Rond, M. (2018). A matter of life or death: How extreme context research matters for management and organization studies. *Academy of Management Annals*, 12(1), 111-153.

- Hannah, S. T., Uhl-Bien, M., Avolio, B. J., & Cavarretta, F. L. (2009). A framework for examining leadership in extreme contexts. *The Leadership Quarterly*, 20(6), 897-919.
- Holanda, N., & Lima, V. (2020). Cultural movements and political actions in during the Covid-19 pandemic (Movimentos e ações político-culturais do Brasil em tempos de pandemia do Covid-19). *Interface: a Journal for and about Social Movements*.
- Louro, V., dos Santos Louro, F., & Duarte, P. G. (2020). O estresse gerado pela pandemia como risco para adoecimento mental e físico do músico a partir das neurociências cognitivas. *Revista Música*, 20(2), 379-396.
- Maia, A. F., & Antunes, D. C. (2008). Música, indústria cultural e limitação da consciência. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 8(4), 1143-1176.
- Martins, I. (2020) Artistas de Uberlândia falam sobre prejuízos na pandemia. Diário de Uberlândia, 12 dez de 2020. Diversão & Arte. Recuperado em 15 de dez de 2021 em <https://diariodeuberlandia.com.br/noticia/27262/artistas-de-uberlandia-falam-sobre-prejuizos-na-pandemia>.
- Merlin, B. (2021) Com shows suspensos, músicos buscam alternativas para sobreviver em Uberlândia. Diário de Uberlândia, 18 mar de 2021. Recuperado em 15 de dez de 2021 em <https://diariodeuberlandia.com.br/noticia/28048/com-shows-suspensos-musicos-buscam-alternativas-para-sobreviver-em-uberlandia>.
- Moreira, A. & Pinheiro, L. OMS declara pandemia de coronavírus. G1, 11 mar de 2020. Bem estar. Recuperado em 15 de dez de 2021 em <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml>.
- Nexjor. (2020) As dificuldades dos músicos na pandemia . 18 de mai de 2020. Recuperado em 15 de dez de 2021 em <http://nexjor.com.br/comarte/index.php/2021/05/18/as-dificuldades-dos-musicos-na-pandemia/>.
- Patterson, F. (2001). Developments in work psychology: Emerging issues and future trends. *Journal of occupational and organizational psychology*, 74, 381.
- Sandroni, C., Ferreira, D. M., de Sá Requião, L. P., Sandroni, C., & Lima, M. G. (2021). A Covid-19 e seus efeitos na renda dos músicos brasileiros. *Revista Vórtex*, 9(1).
- Thiry-Cherques, H. R. (2009). Saturação em pesquisa qualitativa: estimativa empírica de dimensionamento. *Revista PMKT*, 3(2), 20-27.
- Santos, G. M., & Sant'anna, S. P. (2021). Arte em tempos de pandemia: rotas para análises. *O Público e o Privado*, 19(38 jan/abr).
- Wainer, D. F. (2017). Entre música e tecnologia: condições de existência e funcionamento da indústria fonográfica brasileira no século XXI. *Comunicação e Sociedade*, 31, 311-
- OPAS (Organização Pan-Americana de Saúde). (2021) Histórico da pandemia de COVID-19. Folha Informativa sobre Covid-19. Recuperado em 15 de dez de 2021 em <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>.
- Uberlândia. (2021) 'Cultura em Casa' com projetos da 'Aldir Blanc' segue até agosto, 19 fev de 2021. Recuperado em 20 de jun de 2021 em <https://www.uberlandia.mg.gov.br/2021/02/19/programacao-do-cultura-em-casa-projetos-apoiados-pela-aldir-blanc-segue-ate-agosto/>.